

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA TERRITORIAL EM RORAINÓPOLIS-RR

TERRITORIAL LINGUISTIC VARIATION IN RORAINÓPOLIS-RR

Iara Silva dos Santos

Graduação em Letras com Habilitação em Língua e Literaturas de Língua Portuguesa e Espanhola Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRR),

Boa Vista, RR, Brasil.

E-mail: is825774@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho analisa como a variação linguística territorial é percebida e avaliada nas relações sociais em Rorainópolis-RR, considerando situações de valorização, estranhamento e preconceito linguístico. A pesquisa fundamenta-se nos estudos sociolinguísticos sobre variação e avaliação social da linguagem. De abordagem qualitativa e caráter exploratório, o estudo foi realizado com dez pessoas residentes em Rorainópolis, oriundas das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, por meio de diálogos orientados por questões relacionadas ao uso de expressões e regionalismos. Os dados foram organizados em categorias relacionadas à valorização da diversidade linguística, ao julgamento social do falante, à estigmatização de marcas regionais e às experiências de preconceito linguístico. Os resultados sugerem que uma mesma expressão pode receber avaliações distintas conforme o contexto e o perfil atribuído ao falante, além de indicarem relatos de zombaria, correção e mudança da maneira de falar. Conclui-se que os dados apresentam indícios da relação entre variação linguística, prestígio social e julgamento do falante, contribuindo para a discussão sobre a diversidade do português brasileiro em Rorainópolis-RR.

Palavras-chave: variação linguística; variação territorial; preconceito linguístico; sociolinguística; Rorainópolis-RR.

ABSTRACT

This study analyzes how regional linguistic variation is perceived and evaluated within social interactions in Rorainópolis, Roraima, considering instances of appreciation, unfamiliarity, and linguistic prejudice. The research is grounded in sociolinguistic studies regarding variation and the social evaluation of language. Adopting a qualitative, exploratory approach, the study involved ten residents of Rorainópolis—originally from the North, Northeast, and Center-West regions—participating in conversations guided by questions about the use of specific expressions and regionalisms. Data were organized into categories concerning the appreciation of linguistic diversity, social judgments of the speaker, the stigmatization of regional speech markers, and experiences of linguistic prejudice. The results suggest that a single expression can elicit varying evaluations depending on the context and the profile attributed to the speaker; findings also include reports of mockery, correction, and changes in speech patterns. The study concludes that the data provide evidence of the relationship between linguistic variation, social prestige, and judgments of the speaker, thereby contributing to the discussion on the diversity of Brazilian Portuguese in Rorainópolis, Roraima.

Keywords: linguistic variation; territorial variation; linguistic prejudice; sociolinguistics; Rorainópolis-RR.

1 INTRODUÇÃO

A língua portuguesa utilizada no Brasil apresenta diferentes formas de realização e não constitui um sistema homogêneo. As diferenças linguísticas podem estar relacionadas a fatores territoriais, sociais, históricos, etários e situacionais, entre outros. A Sociolinguística, especialmente a tradição variacionista, contribuiu para demonstrar que a heterogeneidade linguística é uma característica constitutiva das línguas em uso e que a variação pode ser analisada de maneira sistemática em relação a fatores linguísticos e sociais (LABOV, 2008; TARALLO, 2007).

Essa compreensão é particularmente importante para o português brasileiro, marcado por significativa diversidade regional e social. Em um país de extensão territorial ampla e com uma história caracterizada por processos de migração, deslocamentos populacionais e diferentes formas de ocupação do território, é esperado que os usos linguísticos apresentem diferenças entre comunidades. Tais diferenças podem ser observadas em aspectos fonético-fonológicos, lexicais, morfossintáticos e discursivos. Castilho (2010), ao descrever o português brasileiro, destaca a necessidade de compreender a língua em sua relação com os usos efetivamente realizados pelos falantes.

No campo da Sociolinguística Variacionista, a variação não é entendida como simples desvio em relação a um modelo único de língua. Labov (2008) demonstra que formas linguísticas diferentes podem apresentar distribuição social e estilística diferenciada. Tarallo (2007), por sua vez, destaca a importância de investigar a língua em situações reais de uso, relacionando os fenômenos linguísticos aos fatores sociais envolvidos.

No Brasil, essa perspectiva também se relaciona às discussões sobre desigualdade linguística. Bortoni-Ricardo (2004) chama atenção para o fato de que diferentes variedades recebem avaliações sociais distintas e que a escola precisa considerar essa diversidade sem transformar as diferenças linguísticas em indicadores de incapacidade. Lucchesi (2015) também relaciona a constituição histórica do português brasileiro às desigualdades sociais que atravessam a sociedade brasileira.

Nesse contexto, a variação territorial constitui uma dimensão relevante para a investigação. Rorainópolis, localizada no estado de Roraima, constitui o espaço de realização da pesquisa aqui apresentada. O próprio corpus utilizado reúne

participantes residentes no município e oriundos das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, possibilitando observar relatos relacionados ao contato entre diferentes repertórios linguísticos.

O interesse desta pesquisa, contudo, não está apenas na identificação de palavras ou expressões diferentes. O foco recai sobre a maneira como essas diferenças são avaliadas pelos interlocutores. Uma mesma forma linguística pode ser interpretada como característica regional, elemento de identidade ou manifestação cultural, mas também pode receber avaliação negativa e ser associada a ideias de inadequação, baixa escolaridade ou menor prestígio social.

Essa dimensão social da avaliação linguística aproxima a discussão da problemática do preconceito linguístico. Bagno (2020) discute como determinadas formas de falar podem ser socialmente estigmatizadas e como o julgamento da variedade pode atingir também o falante. Scherre (2016) igualmente chama atenção para situações em que a avaliação depreciativa da fala produz constrangimento e desvalorização do indivíduo.

Diante desse quadro, o presente trabalho tem como objetivo analisar como a variação linguística territorial é percebida e avaliada nas relações sociais em Rorainópolis-RR, especialmente em situações nas quais determinadas formas de falar são valorizadas, estranhadas, corrigidas ou estigmatizadas.

O estudo mantém o conjunto de dez participantes da pesquisa original e os dados efetivamente apresentados no manuscrito. Por se tratar de uma investigação qualitativa e exploratória, não se pretende representar estatisticamente a população do município. A análise busca identificar tendências e sentidos presentes nos relatos disponíveis e relacioná-los ao referencial sociolinguístico utilizado.

A questão central que orienta a investigação é: como a variação linguística territorial é percebida e avaliada nas relações sociais em Rorainópolis-RR, e que indícios os relatos dos participantes apresentam acerca da relação entre avaliação linguística, posição social, identidade e preconceito linguístico?

A relevância do estudo está na possibilidade de discutir a diversidade linguística brasileira a partir de um contexto regional específico, contribuindo para ampliar a reflexão sobre as relações entre língua e sociedade em uma localidade amazônica.

3 PROBLEMATIZAÇÃO E HIPÓTESES

Como moradores de Rorainópolis-RR percebem e avaliam marcas de variação linguística territorial nas interações sociais, especialmente quando essas marcas são associadas a diferentes origens regionais e posições sociais?

Hipótese 1: Considerando a literatura sociolinguística sobre diversidade e avaliação linguística, pressupõe-se que determinadas formas regionais possam ser avaliadas positivamente quando são interpretadas como marcas de identidade cultural ou como características reconhecidas socialmente.

Hipótese 2: Considera-se a possibilidade de que determinadas marcas linguísticas sejam avaliadas negativamente quando associadas a grupos ou variedades socialmente estigmatizados, produzindo atitudes de estranhamento, correção, zombaria ou desvalorização.

Hipótese 3: Considera-se ainda que a avaliação de uma mesma forma linguística possa variar de acordo com o contexto de interação e com as características sociais atribuídas ao falante, como profissão, posição social e escolaridade presumida. Essa hipótese parte da literatura sociolinguística que relaciona avaliações linguísticas a fatores sociais e às relações de prestígio e estigma (LABOV, 2008; BORTONI-RICARDO, 2004).

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Analisar como a variação linguística territorial é percebida e avaliada nas relações sociais em Rorainópolis-RR, considerando situações de valorização, estranhamento e preconceito linguístico relatadas pelos participantes.

4.2 Objetivos Específicos

- a) identificar situações em que marcas linguísticas territoriais são avaliadas positiva ou negativamente pelos participantes;
- b) analisar como os participantes relacionam determinadas formas de falar às características sociais e territoriais dos falantes;
- c) examinar relatos de correção, zombaria, constrangimento e mudança da maneira de falar associados à percepção de preconceito linguístico;

d) relacionar os dados empíricos às contribuições da Sociolinguística Variacionista e dos estudos sobre preconceito linguístico;

e) discutir os limites dos dados obtidos, evitando generalizações incompatíveis com o corpus analisado.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1 A língua como fenômeno variável e heterogêneo

A compreensão científica da linguagem exige considerar a língua em seu funcionamento efetivo. A Linguística não tem como finalidade estabelecer, de maneira exclusiva, quais formas devem ser utilizadas pelos falantes, mas investigar como as línguas se estruturam e funcionam em diferentes contextos.

Petter (2003) apresenta a Linguística como o campo científico dedicado ao estudo da linguagem humana. Essa perspectiva permite distinguir a descrição científica dos usos linguísticos da tradição normativa, cujo objetivo principal é estabelecer regras de utilização consideradas adequadas em determinados contextos.

A Sociolinguística amplia essa discussão ao considerar que a língua se realiza em comunidades concretas e apresenta diferenças sistemáticas relacionadas a fatores sociais. Labov (2008), um dos principais representantes da Sociolinguística Variacionista, demonstrou que a variação linguística não ocorre de maneira aleatória. Diferentes formas podem apresentar distribuição relacionada a fatores como classe social, estilo, idade e contexto de interação.

Tarallo (2007) destaca que a pesquisa sociolinguística deve partir da língua em uso e observar as relações entre formas linguísticas e fatores sociais. Essa orientação é fundamental para o presente trabalho, pois as expressões analisadas são consideradas dentro de situações comunicativas específicas.

A variação linguística pode ocorrer em diferentes níveis. No plano fonético-fonológico, pode envolver diferenças de pronúncia; no lexical, diferenças de palavras e expressões; no morfossintático, diferenças na organização das construções; e no discursivo-pragmático, diferenças relacionadas à organização da interação e aos sentidos produzidos. Bagno (2020) destaca que as línguas humanas apresentam variação em diferentes níveis estruturais e sociais.

Mollica e Braga (2003) também destacam que o tratamento da variação constitui uma dimensão central da Sociolinguística, permitindo investigar a relação entre formas linguísticas e fatores sociais. Castilho (2010), ao tratar do português brasileiro, igualmente enfatiza a necessidade de considerar a língua em sua diversidade de usos.

Assim, neste trabalho, a variação territorial não será reduzida à simples existência de “palavras diferentes” ou de sotaques. Embora os dados disponíveis sejam predominantemente lexicais e discursivos, eles são analisados como manifestações de práticas linguísticas situadas socialmente.

5.2 A Variação territorial e contato entre variedades

A variação territorial constitui uma das dimensões da diversidade linguística e está relacionada às diferentes formas de uso da língua em espaços geográficos distintos. Entretanto, compreender esse fenômeno exige superar a ideia de que uma língua possa apresentar uma única forma legítima, estável e uniforme. Sobre essa afirmativa, Bagno diz que:

O fato é que, como a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja “una”, uniforme e homogênea. O monolinguismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.) (Bagno, 2020, p. 25).

A partir dessa compreensão, a variação territorial não deve ser entendida apenas como a existência de palavras ou expressões diferentes entre determinadas regiões. As variedades linguísticas constituem sistemas dinâmicos, formados e transformados pelas experiências históricas, sociais e culturais dos grupos que as utilizam. Desse modo, diferenças observadas entre falantes de diferentes regiões podem envolver aspectos fonético-fonológicos, lexicais, morfossintáticos e discursivos, ainda que nem todos esses níveis sejam igualmente perceptíveis em uma situação de interação.

No contexto de Rorainópolis-RR, essa discussão assume importância particular em razão da presença de pessoas provenientes de diferentes regiões brasileiras. O

contato entre falantes com trajetórias linguísticas distintas favorece a circulação de expressões, pronúncias e formas de falar, produzindo situações em que determinadas características linguísticas podem ser reconhecidas como diferentes daquelas mais familiares ao interlocutor. A diferença, entretanto, não constitui, por si só, um problema linguístico. Ela passa a adquirir significado social quando determinadas formas de falar são associadas a características positivas ou negativas de seus usuários.

Nesse sentido, o contato entre variedades pode produzir tanto processos de aproximação e intercâmbio quanto situações de estranhamento e avaliação social. Uma expressão regional pode despertar curiosidade, identificação ou interesse, mas também pode ser interpretada como inadequada quando comparada à variedade considerada mais familiar ou socialmente valorizada pelo interlocutor. A avaliação, portanto, não recai exclusivamente sobre a estrutura linguística, mas pode alcançar o próprio falante e as representações sociais construídas a respeito de sua origem.

Essa perspectiva é importante para a análise dos relatos obtidos nesta pesquisa, pois os participantes apresentam trajetórias de deslocamento e contato com diferentes variedades do português brasileiro. As experiências relatadas permitem observar que o encontro entre formas de falar distintas não ocorre de maneira neutra: os participantes identificam diferenças, atribuem significados a determinadas expressões e, em algumas situações, relatam episódios de correção, estranhamento ou zombaria. Esses relatos não permitem afirmar que tais experiências ocorram com todos os moradores de Rorainópolis, mas constituem indícios de como a diversidade linguística pode ser percebida e avaliada nas interações cotidianas.

Portanto, compreender a variação territorial no município investigado implica reconhecer que a diversidade linguística é parte constitutiva do português brasileiro. Conforme a perspectiva apresentada por Bagno (2020), a heterogeneidade não representa uma falha ou uma deformação da língua, mas uma característica inerente às línguas vivas. A análise dos dados desta pesquisa parte desse pressuposto para compreender como o contato entre variedades pode produzir diferentes avaliações sociais, sem estabelecer uma hierarquia linguística entre as formas utilizadas pelos participantes.

5.3 Prestígio e estigma linguístico

As diferenças linguísticas podem receber valores sociais distintos. Determinadas formas são associadas ao prestígio, enquanto outras podem ser estigmatizadas. Essa avaliação não decorre necessariamente de propriedades linguísticas internas da variante, mas das relações sociais estabelecidas em torno dos grupos que as utilizam.

Labov (2008) demonstra que os falantes possuem atitudes em relação às formas linguísticas e que essas avaliações podem acompanhar hierarquias sociais. A língua, nesse sentido, participa das relações sociais e pode funcionar como marcador de pertencimento e distinção.

Bortoni-Ricardo (2004) observa que variedades linguísticas recebem avaliações diferentes nos espaços sociais, especialmente em contextos nos quais determinadas formas são associadas à escolarização e ao prestígio.

Essa perspectiva é importante para interpretar o caso da palavra “murrinha” apresentado pelos participantes da pesquisa. A mesma expressão foi apresentada em duas situações diferentes: na fala de um vendedor de picolé e na fala de um professor. O contraste entre as respostas sugere que a avaliação da forma linguística não depende apenas da expressão utilizada, mas também do perfil social atribuído ao falante.

Não se deve, entretanto, transformar esse exemplo em uma conclusão geral de que a posição social determina o julgamento linguístico. O dado constitui um indício qualitativo que precisa ser interpretado em conjunto com os demais relatos e com a literatura sociolinguística.

5.4 Preconceito linguístico

O preconceito linguístico está relacionado às formas como os diferentes usos da língua são avaliados socialmente. Em uma sociedade marcada pela diversidade cultural e linguística, as pessoas não utilizam a língua de maneira uniforme, pois suas formas de falar são influenciadas por fatores como região de origem, grupo social, faixa etária, trajetória de vida e contexto de interação. Nesse sentido, a existência de diferentes variedades do português brasileiro não constitui um problema linguístico, mas uma característica própria de uma língua utilizada por uma população social e

territorialmente diversa. Faraco (2004, p. 10) chama atenção para essa diversidade ao afirmar:

Se é verdade que majoritariamente falamos português, esse português não é (e nem poderia ser, porque nenhuma língua humana é) uno, uniforme. A realidade nacional do português é extremamente diversificada, seja no espaço geográfico, seja no espaço social. O problema, contudo, não está na diversidade em si que é, como dissemos antes, característica de todas as sociedades humanas. E, em si, constitui, diga-se de novo, um patrimônio histórico e cultural, um bem de que temos de nos orgulhar e não de nos envergonhar: ela é um retrato de nossa história como sociedade (por mais dificuldade que a elite letrada tenha para reconhecê-la e aceitá-la). (FARACO, 2004, p. 10)

A reflexão de Faraco (2004) permite compreender que a diversidade existente no português brasileiro não deve ser confundida com inadequação linguística. As diferenças encontradas na maneira de falar fazem parte da própria constituição histórica e social da língua. Dessa forma, uma expressão regional, uma determinada pronúncia ou uma construção linguística que se distancia da variedade considerada mais prestigiada não pode ser automaticamente classificada como “errada”, pois sua existência está relacionada às práticas linguísticas de grupos concretos de falantes.

O preconceito linguístico surge, portanto, quando essas diferenças passam a ser utilizadas como critérios para estabelecer julgamentos sobre os próprios falantes. Nesse processo, determinadas formas de falar podem ser associadas a características negativas, como falta de conhecimento, baixa escolaridade, pouca capacidade intelectual ou menor prestígio social. A avaliação deixa de estar relacionada exclusivamente ao uso linguístico e passa a produzir uma avaliação social daquele que fala.

Essa questão é particularmente relevante quando se considera a variação territorial. O contato entre pessoas provenientes de diferentes regiões pode tornar mais perceptíveis determinadas marcas linguísticas. Uma palavra, expressão ou pronúncia que é comum para um falante pode causar estranhamento para outro justamente por não fazer parte de sua experiência linguística cotidiana.

Os relatos obtidos nesta pesquisa permitem observar situações em que diferenças linguísticas foram percebidas pelos participantes durante o contato com pessoas de outras regiões. Em alguns casos, as diferenças foram recebidas com curiosidade ou interesse; em outros, foram associadas a julgamentos e situações de

constrangimento. Esses relatos são relevantes porque demonstram que a diversidade linguística pode assumir diferentes significados nas relações sociais, dependendo da maneira como o interlocutor interpreta e avalia a variedade utilizada.

A perspectiva apresentada por Faraco (2004) também contribui para compreender que o preconceito linguístico não está na diversidade da língua, mas nas relações sociais estabelecidas a partir dela. Se as variedades linguísticas constituem parte do patrimônio histórico e cultural da sociedade, a desvalorização de determinada maneira de falar pode representar também a desvalorização dos grupos sociais que utilizam essa variedade. Nesse sentido, o julgamento de uma forma linguística pode ultrapassar a dimensão estritamente linguística e alcançar aspectos relacionados à origem, à identidade e à posição social atribuída ao falante.

No contexto de Rorainópolis-RR, essa discussão ganha relevância diante da presença de pessoas provenientes de diferentes regiões brasileiras. O município constitui um espaço de contato entre trajetórias linguísticas diversas, o que possibilita a circulação de diferentes formas de falar. Os dados desta pesquisa não permitem afirmar que exista um padrão geral de preconceito linguístico entre os moradores do município, mas apresentam indícios de que determinadas marcas regionais podem ser avaliadas de maneiras distintas nas situações de interação relatadas pelos participantes.

Assim, o preconceito linguístico deve ser compreendido não como consequência da existência de diferentes variedades, mas como resultado de processos sociais de atribuição de prestígio e desvalorização. A diversidade linguística é constitutiva do português brasileiro e, conforme destaca Faraco (2004), representa também um registro da própria história social do país. A análise dos relatos desta pesquisa parte desse entendimento para observar como as diferenças linguísticas são percebidas, avaliadas e, em determinadas situações, transformadas em motivo de julgamento ou constrangimento nas relações entre os falantes.

5.5 Língua, identidade e pertencimento

A língua não constitui apenas um instrumento de comunicação, mas também está relacionada às experiências sociais, culturais e identitárias dos indivíduos. A maneira como uma pessoa fala está vinculada à sua trajetória, ao espaço social em que vive e aos grupos com os quais estabelece relações. Por essa razão, avaliações

negativas dirigidas a uma determinada variedade linguística podem ultrapassar o aspecto propriamente linguístico e atingir a percepção que o indivíduo constrói sobre sua própria forma de falar e sobre o grupo ao qual pertence.

Essa relação entre língua, identidade e pertencimento é discutida por Scherre, conforme retomado por Laperuta-Martins (2017):

O julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro ou da própria fala [...] Depreciando-se a língua, deprecia-se o indivíduo, sua identidade, sua forma de ver o mundo [...] O preconceito linguístico todos eles - atinge um dos mais nobres legados do homem, que é o domínio de uma língua. Exercer isso é retirar o direito de fala de milhares de pessoas que se exprimem em formas sem prestígio social. Não quero dizer com isso que não temos o direito de gostar mais, ou menos, do falar de uma região ou de outra, do falar de um grupo social ou de outro. O que afirmo e até enfatizo é que ninguém tem o direito de humilhar o outro pela forma de falar. Ninguém tem o direito de exercer assédio linguístico. Ninguém tem o direito de causar constrangimento ao seu semelhante pela forma de falar (SCHERRE, 2016 apud LAPERUTA-MARTINS, 2017, p. 312- 313).

A reflexão apresentada evidencia que o julgamento de uma variedade linguística pode assumir uma dimensão que ultrapassa a avaliação da própria língua. Quando uma determinada maneira de falar é ridicularizada ou desvalorizada, o julgamento pode atingir também o indivíduo que a utiliza, uma vez que sua fala constitui parte de sua experiência social e de sua identidade. Nesse sentido, a diferença linguística não deve ser confundida com deficiência ou inadequação, pois as variedades utilizadas pelos falantes possuem relação com suas histórias, seus grupos de convivência e os espaços sociais nos quais circulam.

A discussão também permite compreender a diferença entre uma preferência linguística e uma atitude preconceituosa. Os falantes podem apresentar maior familiaridade ou preferência por determinadas formas de falar, especialmente aquelas às quais estão mais habituados. Entretanto, essa preferência não implica o direito de desqualificar, ridicularizar ou constranger outro indivíduo por utilizar uma variedade diferente. O problema, portanto, não está na percepção da diferença, mas na transformação dessa diferença em instrumento de julgamento social.

Essa dimensão pode ser observada também nas consequências relatadas por indivíduos que vivenciam situações de preconceito linguístico. Silva e Melo (2019), conforme citado por Santos (2021), destacam:

Ao serem questionados se já tinham sofrido preconceito e o que sentiram, todos afirmaram que já sofreram preconceito e ressaltaram que diante das discriminações, sentiam sensações diversas, como tristeza, vergonha, mágoa e/ou constrangimento. Com isso externaram as implicações emocionais que provêm dessas ações que os excluem do universo que domina o uso “bom” português. Ao relatar suas experiências, percebe-se que a autoestima deles fora afetada, pois passaram a acreditar que a sua forma de falar não é correta e por isso lhe causa constrangimento. Essa crença poderá levar o aluno a silenciar sua fala com receio de ser alvo de repreensão. Diante dessa realidade, muitos passam a desgostar da sua própria cultura (SILVA; MELO, 2019, p. 5076 apud SANTOS, 2021, p. 81).

A passagem contribui para compreender que o preconceito linguístico pode produzir efeitos sobre a relação do indivíduo com a própria fala. Quando uma pessoa é repetidamente levada a acreditar que sua maneira de falar é inferior ou inadequada, pode ocorrer uma mudança na forma como ela avalia sua própria variedade linguística. Nesse processo, a língua deixa de ser percebida apenas como uma forma espontânea de expressão e passa a ser objeto de vigilância, correção e insegurança.

Os relatos obtidos nesta pesquisa apresentam elementos que dialogam com essa discussão. Ao serem questionados sobre experiências de preconceito linguístico, os participantes relataram situações de zombaria, correção, estranhamento e constrangimento relacionadas às suas formas de falar. Entre os sentimentos mencionados nos relatos, aparecem experiências de vergonha e desconforto diante da avaliação de outras pessoas.

Esses dados não permitem estabelecer uma relação causal entre preconceito linguístico e consequências psicológicas específicas, mas indicam que, para os participantes entrevistados, determinadas situações de julgamento da fala foram percebidas como experiências negativas.

A relação entre língua e identidade também pode ser compreendida a partir da maneira como os sujeitos se reconhecem na língua que utilizam. Mariani (2008), conforme citado por Laperuta-Martins (2014), discute a existência de situações em que os falantes passam a não se reconhecer na representação de uma língua nacional apresentada como homogênea:

Muitos brasileiros, então, não se identificam com o que é chamado língua nacional, não se identificam com essa representação que projeta um imaginário de unidade, sentem-se excluídos e, como os enunciados atestam, acabam por introjetar um preconceito contra seu próprio modo de falar. Há, em termos discursivos, uma contra

identificação (cf. PECHEUX, 1988 [1975] apud MARIANI (2008)) de grande parte dos brasileiros com a língua que fala. (MARIANI, 2008, p. 44 apud LAPERUTA-MARTINS, 2014, p. 118)

A contribuição de Mariani (2008) permite ampliar a discussão ao mostrar que a ideia de uma língua nacional homogênea pode produzir uma representação segundo a qual determinadas formas de falar são consideradas mais legítimas ou mais próximas do modelo socialmente valorizado. Quando o indivíduo não reconhece sua própria maneira de falar nessa representação, pode ocorrer um processo de distanciamento em relação à sua variedade linguística.

Essa questão é relevante para o presente estudo porque os participantes possuem diferentes trajetórias territoriais e experiências de contato com variedades do português brasileiro. O encontro entre essas variedades possibilita que determinadas características linguísticas sejam percebidas como diferentes e, dependendo da situação, avaliadas de maneira positiva ou negativa. Assim, a identidade linguística não é construída de maneira isolada, mas também nas relações estabelecidas com outros falantes e com as representações sociais atribuídas às diferentes formas de falar.

Os relatos analisados indicam, nesse sentido, que algumas experiências de julgamento fizeram com que participantes passassem a observar ou modificar determinados aspectos de sua própria fala. Tal comportamento pode ser compreendido como uma estratégia de adequação ao contexto social em que o indivíduo está inserido. Contudo, considerando o caráter exploratório desta pesquisa e o número reduzido de participantes, não se pode afirmar que essas mudanças representem um comportamento generalizado entre os moradores de Rorainópolis.

A relação entre língua, identidade e pertencimento também se manifesta na valorização das próprias variedades linguísticas. Se, por um lado, alguns participantes relataram situações de estranhamento ou constrangimento, por outro, o contato entre diferentes formas de falar também pode favorecer o reconhecimento da diversidade linguística. A convivência entre falantes de diferentes regiões possibilita a circulação de expressões, pronúncias e formas de interação que passam a fazer parte das experiências linguísticas dos sujeitos.

Dessa forma, os dados analisados sugerem que a língua participa da construção das relações de pertencimento e da maneira como os indivíduos se posicionam diante dos grupos sociais com os quais convivem. As experiências de

preconceito relatadas pelos participantes demonstram que o julgamento da fala pode interferir na forma como o sujeito percebe sua própria variedade linguística, especialmente quando a diferença é acompanhada de ridicularização ou desqualificação. Ao mesmo tempo, a diversidade linguística observada no contexto investigado evidencia a existência de diferentes trajetórias e formas de expressão que integram o português brasileiro.

Portanto, compreender a relação entre língua, identidade e pertencimento implica reconhecer que as variedades linguísticas não são apenas diferentes formas estruturais de utilização do português, mas também formas de expressão vinculadas às experiências dos sujeitos.

A análise realizada nesta pesquisa indica que, no contexto investigado, as avaliações sobre a fala podem contribuir tanto para experiências de identificação e reconhecimento quanto para situações de constrangimento e distanciamento em relação à própria variedade linguística. Nesse sentido, os relatos dos participantes reforçam a importância de compreender a diversidade linguística sem estabelecer uma hierarquia entre os diferentes modos de falar.

6 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa e exploratória. A abordagem qualitativa é adequada ao objetivo de compreender percepções, avaliações e experiências relatadas pelos participantes, enquanto o caráter exploratório se relaciona ao interesse em investigar um fenômeno em um contexto específico e produzir uma compreensão inicial acerca do problema.

Quanto aos procedimentos, foram realizados levantamento bibliográfico e diálogos orientados com pessoas residentes em Rorainópolis-RR. A pesquisa bibliográfica contemplou obras relacionadas à Linguística, à Sociolinguística, à variação linguística, ao preconceito linguístico e à relação entre língua e sociedade.

O corpus empírico é constituído por diálogos realizados com dez pessoas residentes em Rorainópolis, oriundas das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. O manuscrito original não apresenta, contudo, informações individualizadas sobre idade, gênero, escolaridade, profissão ou tempo de residência de cada participante. Dessa forma, essas características não serão atribuídas aos participantes nesta versão, uma

vez que não há dados documentais disponíveis que permitam sua inclusão sem risco de fabricação de informações.

Também não foram localizados, no manuscrito original, critérios detalhados de seleção da amostra ou procedimento de saturação dos dados. Essa ausência constitui uma limitação metodológica que deve ser reconhecida no trabalho. Caso a pesquisadora possua registros dessas informações, elas deverão ser incorporadas à versão final.

A coleta foi orientada por seis perguntas:

1. Se você ouvisse uma pessoa, como um vendedor de picolé, falar: “Hoje estou com uma murrinha pesada”, você acharia normal ou consideraria que essa pessoa necessitaria melhorar seu vocabulário?
2. Se você ouvisse um professor, em sala de aula, falar: “Hoje vocês estão com uma murrinha insuportável”, você acharia normal ou consideraria que o professor necessitaria melhorar seu vocabulário?
3. Se você ouvisse um nordestino falar: “Esse menino é arretado”, o que acharia dessa frase?
4. Como você recebe ou encara a seguinte frase, atribuída a uma pessoa inserida na cultura local: “Agora bem aí, não tem condição de aceitar isso. É muita falta de respeito, num tem?”
5. Você já sofreu preconceito linguístico?
6. Já se incomodou com alguém que utiliza muito regionalismo, como “agora bem aí”, ou outras expressões associadas a Roraima ou ao Maranhão?

As perguntas foram analisadas não como instrumentos capazes de medir efeitos psicológicos, mas como situações de elicitación de percepções e relatos sobre avaliação linguística.

Para a análise dos dados, os relatos apresentados no manuscrito foram organizados em quatro categorias: a) avaliação positiva da diversidade linguística; b) julgamento linguístico associado ao perfil social do falante; c) estigmatização e correção de marcas regionais; d) experiências de preconceito e adequação da própria fala.

A análise foi realizada por meio da leitura dos relatos, identificação das unidades de sentido e posterior articulação dessas unidades com o referencial teórico. Dessa forma, as falas deixam de ser utilizadas apenas como exemplos e passam a cumprir função analítica na discussão dos resultados.

Por se tratar de um corpus composto por dez participantes, os resultados não são generalizáveis para toda a população de Rorainópolis. O objetivo consiste em identificar percepções presentes no grupo investigado e discutir sua relação com os estudos sociolinguísticos.

Quanto aos aspectos éticos, o manuscrito original não informa a existência de submissão a Comitê de Ética em Pesquisa, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ou outros procedimentos formais de consentimento. Como não é possível reconstruir procedimentos que não foram registrados no material disponível, essa ausência deverá ser esclarecida pela pesquisadora conforme os procedimentos efetivamente adotados na coleta. Não serão inventadas informações éticas para suprir essa lacuna.

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

7.1 Avaliação positiva da expressão regional

Os dados apresentados no corpus indicam que a variação linguística territorial não é necessariamente recebida de maneira negativa. Em uma das situações propostas aos participantes, foi apresentada a frase “Esse menino é arretado”, atribuída a um falante nordestino. O relato registrado indica que um participante avaliou a expressão de maneira positiva, considerando-a bonita.

Esse dado sugere que uma forma associada a determinada região pode ser interpretada como característica cultural e não como inadequação linguística. A avaliação positiva também pode estar relacionada ao grau de circulação social de determinadas expressões, uma vez que algumas formas regionais ultrapassam seus espaços de origem e passam a ser reconhecidas em diferentes partes do país.

Entretanto, não é possível afirmar, a partir desse único relato, que expressões nordestinas sejam geralmente valorizadas em Rorainópolis. O que o dado permite identificar é uma atitude positiva diante da expressão na situação específica apresentada.

A observação dialoga com Faraco (2004), para quem a diversidade linguística constitui parte da história social e cultural do português brasileiro. A existência de diferentes formas de falar não implica, por si só, uma hierarquia linguística; os valores de prestígio e estigma são socialmente construídos.

7.2 A expressão “murrinha” e o perfil social do falante

O contraste envolvendo a expressão “murrinha” constitui o principal dado relacionado à hipótese de que a avaliação linguística pode ser influenciada pelo perfil social atribuído ao falante.

Na primeira situação, foi apresentada a frase “Hoje estou com uma murrinha pesada”, atribuída a uma pessoa caracterizada como vendedor de picolé. O relato registrado no manuscrito indica que o participante consideraria que essa pessoa necessitaria melhorar o vocabulário.

Na segunda situação, a mesma expressão foi apresentada na frase “Hoje vocês estão com uma murrinha insuportável”, atribuída a um professor em sala de aula. Nesse caso, o participante relatou que compreenderia o uso e o consideraria normal.

O contraste é relevante porque a forma linguística analisada permanece praticamente a mesma, enquanto muda o perfil social atribuído ao falante. Assim, os dados sugerem que a avaliação pode envolver não apenas a forma linguística, mas também expectativas sociais relacionadas ao interlocutor.

Esse resultado dialoga com Labov (2008), ao evidenciar a importância das avaliações sociais das formas linguísticas, e com Bortoni-Ricardo (2004), ao discutir as relações entre linguagem, escolarização e estrutura social.

Contudo, a conclusão deve ser formulada com cautela. O resultado não demonstra que a posição social determine o julgamento linguístico em todos os casos. Trata-se de um indício obtido a partir de uma situação hipotética apresentada a participantes da pesquisa.

Quadro 1 – Contraste na avaliação da expressão “murrinha”

Situação	Perfil atribuído ao falante	Avaliação registrada
“Hoje estou com uma murrinha pesada.”	Vendedor de picolé	Necessitaria melhorar o vocabulário
“Hoje vocês estão com uma murrinha insuportável.”	Professor	Uso considerado normal

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

O quadro permite visualizar de maneira objetiva o contraste apresentado no corpus. A mesma expressão recebe avaliações diferentes quando inserida em situações sociais distintas. Esse dado constitui um dos principais elementos empíricos da pesquisa para discutir a relação entre linguagem e prestígio social.

7.3 Regionalismos e atitudes de correção

Outro conjunto de dados refere-se às atitudes diante de regionalismos associados à cultura local. Um dos participantes afirmou que se incomodava com o uso de regionalismos por pessoas de Roraima e que, em determinadas situações, procurava “corrigir” o falante.

Esse relato é relevante porque evidencia uma atitude de avaliação negativa da forma linguística. A prática de correção pode possuir diferentes significados dependendo da situação. Em um contexto pedagógico, por exemplo, a apresentação de uma variedade de prestígio pode fazer parte do desenvolvimento da competência comunicativa. Entretanto, quando a correção é utilizada para desqualificar o falante ou apresentar sua variedade de origem como sinal de inferioridade, pode contribuir para a estigmatização.

Bortoni-Ricardo (2004) destaca que a educação linguística precisa reconhecer a diversidade dos usos linguísticos e, simultaneamente, ampliar a competência dos estudantes para diferentes situações comunicativas. Dessa forma, ensinar uma variedade de prestígio não exige negar a existência ou o valor das demais.

No caso analisado, o relato não permite saber com que frequência o participante realiza correções ou em quais situações específicas isso ocorre. Portanto, o dado é interpretado como evidência de uma atitude individual registrada na pesquisa, e não como característica geral da população local.

7.4 O regionalismo “agora bem aí”

A frase “Agora bem aí, não tem condição de aceitar isso. É muita falta de respeito, num tem?” também foi utilizada como situação de análise. Segundo o relato registrado no manuscrito, um participante associou essa forma de falar à cultura local e considerou que o falante poderia ser julgado como alguém de menor prestígio ou escolaridade.

Esse dado apresenta uma relação direta entre determinada marca linguística e uma avaliação social do falante. A questão sociolinguística central não é determinar se a construção é “certa” ou “errada”, mas compreender por que determinada forma pode produzir uma avaliação social específica.

O relato analisado, portanto, não demonstra que a expressão seja objetivamente associada à baixa escolaridade. Ele demonstra que, para o participante entrevistado, essa associação estava presente. Essa distinção é necessária para evitar transformar uma percepção individual em uma característica da língua ou de seus falantes.

7.5 Zombaria e marcas regionais da fala

O corpus também registra um relato relacionado ao tom de voz e ao ritmo da fala de um participante de origem maranhense. Segundo o relato apresentado, essas características eram motivo de piadas e críticas constantes entre colegas.

Esse dado amplia a discussão porque demonstra que a avaliação social não se restringe ao léxico. Aspectos relacionados à pronúncia, ao ritmo e ao modo de falar também podem ser percebidos como marcas de identidade regional e, em determinadas situações, tornar-se objeto de estigmatização.

Bagno (2020) ressalta que a variação linguística ocorre em diferentes níveis e que a diversidade não constitui característica exclusiva do vocabulário. A literatura sociolinguística também demonstra que aspectos fonético-fonológicos podem apresentar distribuição social e regional.

No entanto, o relato disponível não permite realizar uma análise fonética ou fonológica da fala do participante. Assim, não se pode afirmar quais características específicas de pronúncia estavam envolvidas. O que pode ser analisado é o fato social relatado: determinadas características percebidas como regionais foram utilizadas como objeto de zombaria.

7.6 Experiências de preconceito linguístico

Dois participantes de origem nordestina foram questionados sobre experiências de preconceito linguístico em Rorainópolis. Conforme registrado no manuscrito, ambos responderam afirmativamente e relataram situações consideradas constrangedoras, nas quais foram alvo de zombaria.

Os participantes também afirmaram que, em razão dessas experiências, passaram a modificar sua maneira de falar, evitando determinadas características de sua variedade de origem para reduzir a possibilidade de exclusão.

Esse resultado constitui um dos dados mais importantes do corpus porque demonstra uma consequência diretamente relatada pelos próprios participantes: a adequação da maneira de falar diante de experiências negativas de avaliação.

É necessário, entretanto, estabelecer uma distinção entre aquilo que os participantes relataram e aquilo que a pesquisa efetivamente mediu. Os relatos permitem afirmar que houve percepção de preconceito, constrangimento e mudança da maneira de falar. Não permitem afirmar, sem instrumentos específicos, que essas experiências tenham causado baixa autoestima, depressão, perda de produtividade, isolamento social ou outros efeitos psicológicos.

Essa delimitação responde diretamente à necessidade de rigor metodológico apontada pela banca. A pesquisa investiga percepções e relatos sociais, e não efeitos psicológicos mensurados por instrumentos clínicos.

A relação entre preconceito e adequação linguística encontra diálogo com Bagno (2020), Bortoni-Ricardo (2004) e Scherre (2016), que discutem as relações entre prestígio, estigma e julgamento das variedades linguísticas.

7.7 Síntese dos resultados

A análise dos dados permite organizar os principais achados em quatro categorias.

Quadro 2 – Categorias de análise e principais achados

Categoria	Dados encontrados	Interpretação
Avaliação positiva	Relato positivo sobre “Esse menino é arretado”.	A expressão regional pode ser interpretada como marca cultural e não como inadequação.
Julgamento associado ao perfil social	Contraste entre “murrinha” atribuída ao vendedor de picolé e ao professor.	A avaliação da mesma forma pode variar conforme o perfil social atribuído ao falante.

Estigmatização	Correção de regionalismos e zombaria relacionada ao modo de falar.	Determinadas marcas linguísticas podem receber avaliações sociais negativas.
Adequação linguística	Dois participantes relataram mudança da maneira de falar após experiências de preconceito.	A avaliação social pode influenciar escolhas linguísticas dos falantes.

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados apresentados no corpus da pesquisa.

A sistematização demonstra que os dados não apresentam uma única resposta para a relação entre variação linguística e interação social. Há situações de valorização, mas também situações de estranhamento, correção e estigmatização.

Esse resultado é importante porque impede uma interpretação simplista segundo a qual a variação linguística produziria necessariamente efeitos positivos ou negativos. As respostas sugerem que a avaliação depende do contexto e das relações sociais envolvidas.

8 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA

Os resultados analisados apresentam convergência com princípios fundamentais da Sociolinguística Variacionista. Em primeiro lugar, os dados reforçam a compreensão de que a língua apresenta variação e que essa variação é percebida socialmente.

O contraste entre as duas situações envolvendo a expressão “murrinha” é particularmente relevante. A mesma forma linguística recebeu avaliações diferentes quando associada a perfis sociais distintos. Esse resultado aproxima-se dos estudos de Labov (2008), que demonstram a relação entre formas linguísticas e avaliações sociais.

Tarallo (2007) ressalta a importância de observar a língua em uso e de relacionar os fenômenos linguísticos aos fatores sociais. No presente estudo, essa orientação permite compreender que o significado social de uma expressão não pode

ser analisado isoladamente, pois depende também da situação em que ocorre e da identidade atribuída ao falante.

Os resultados também dialogam com Bortoni-Ricardo (2004), especialmente no que diz respeito às relações entre variedade linguística, escolarização e prestígio. O relato em que uma mesma expressão é avaliada de maneira distinta conforme a profissão atribuída ao falante constitui um indício dessa relação.

A contribuição de Faraco (2004) é igualmente importante para compreender que a diversidade linguística não deve ser interpretada como problema em si. O problema sociolinguístico aparece quando diferenças de uso são convertidas em julgamentos sobre o valor dos indivíduos.

Bagno (2020) contribui para essa discussão ao questionar a representação de uma língua homogênea e única. A existência de diferentes variedades faz parte do funcionamento das línguas e da própria história social dos grupos.

Os relatos de preconceito também dialogam com Scherre (2016), na medida em que indicam situações nas quais o modo de falar foi objeto de zombaria e constrangimento. O fato de dois participantes relatarem mudança da própria fala após essas experiências sugere que avaliações negativas podem influenciar o comportamento linguístico dos indivíduos.

Entretanto, a análise dos dados não autoriza afirmar que o preconceito linguístico produz necessariamente efeitos psicológicos específicos. A pesquisa não utilizou instrumentos destinados a mensurar autoestima, ansiedade, produtividade ou saúde mental. Portanto, tais efeitos permanecem como possibilidades discutidas na literatura, não como resultados empiricamente comprovados por este estudo.

Da mesma forma, não é possível afirmar que a posição social seja, “em grande parte”, determinante do julgamento linguístico. O corpus apresenta um exemplo particularmente expressivo dessa possibilidade, mas uma conclusão geral exigiria uma amostra maior e procedimentos de coleta mais sistemáticos.

As hipóteses propostas encontram, portanto, apoio parcial. A primeira encontra correspondência na avaliação positiva da expressão “arretado”. A segunda encontra respaldo nos relatos de estranhamento, correção e zombaria. A terceira encontra indícios no contraste produzido pelas situações envolvendo “murrinha”. Nenhuma delas, entretanto, pode ser considerada definitivamente comprovada pelo conjunto reduzido de dados.

A análise também evidencia a necessidade de diferenciar variação linguística e preconceito linguístico. A existência de diferentes formas de falar é um fenômeno linguístico; a atribuição de valores sociais negativos a essas formas constitui um fenômeno social. Essa distinção é fundamental para evitar que a própria pesquisa reproduza a ideia de que determinada variedade é inadequada.

Em síntese, os dados indicam que a variação linguística territorial participa das relações sociais observadas no corpus e pode ser associada tanto à valorização cultural quanto ao estranhamento e à estigmatização. A principal contribuição da pesquisa está, portanto, em evidenciar, a partir dos relatos analisados, que a avaliação da fala envolve também percepções sobre os sujeitos que falam.

9 ASPECTOS JURÍDICOS

A discussão jurídica presente na versão original necessita de maior precisão. A Constituição Federal de 1988 estabelece direitos fundamentais relacionados à igualdade, à dignidade, à honra, à imagem e à proteção contra determinadas formas de discriminação. O art. 5º, inciso X, estabelece a inviolabilidade da intimidade, da vida privada, da honra e da imagem, assegurando o direito à indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação.

Entretanto, não é adequado afirmar que exista uma tipificação penal específico denominado “preconceito linguístico” ou que toda manifestação de preconceito linguístico resulte automaticamente em penalidade.

A eventual responsabilização jurídica depende da conduta concreta e do enquadramento jurídico aplicável. Uma manifestação relacionada à maneira de falar pode, dependendo das circunstâncias, envolver direitos da personalidade, dano moral ou outras formas de responsabilização previstas no ordenamento jurídico, mas isso não permite afirmar genericamente que o preconceito linguístico seja, por si só, um crime específico.

Essa distinção é importante para o presente estudo porque a pesquisa não tem como objeto investigar casos judiciais nem realizar análise aprofundada da legislação penal ou civil. A referência ao Direito, portanto, possui caráter complementar e deve ser utilizada apenas para contextualizar a proteção jurídica da dignidade, da honra e da igualdade.

Assim, a discussão jurídica não será utilizada para afirmar que a legislação brasileira possui uma punição específica para o preconceito linguístico. O foco principal permanece na análise sociolinguística das avaliações e experiências relatadas pelos participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar como a variação linguística territorial é percebida e avaliada nas relações sociais em Rorainópolis-RR. Para isso, foram considerados os dados obtidos por meio de diálogos realizados com dez pessoas residentes no município e oriundas das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

A análise realizada permite afirmar que a variação linguística não recebe uma única forma de avaliação. Os relatos apresentados indicam situações em que expressões regionais são percebidas positivamente, assim como situações em que determinadas marcas linguísticas são objeto de estranhamento, correção, zombaria ou constrangimento.

O exemplo da expressão “arretado” constitui um indício de avaliação positiva de uma marca associada à fala nordestina. Esse resultado sugere que determinadas expressões podem ser percebidas como características culturais e não necessariamente como formas inadequadas de uso da língua.

O contraste envolvendo a expressão “murrinha” apresenta outro resultado relevante. A mesma forma linguística foi avaliada de maneira diferente quando atribuída a um vendedor de picolé e a um professor. Esse dado sugere que a avaliação da linguagem pode envolver características sociais atribuídas ao falante, além da própria forma linguística.

Os relatos relacionados a regionalismos de Roraima e do Maranhão também indicam a presença de atitudes de correção e zombaria. Esses dados sugerem que determinadas marcas regionais podem ser socialmente estigmatizadas em situações específicas.

Outro achado relevante corresponde aos relatos de dois participantes de origem nordestina que afirmaram ter sofrido preconceito linguístico e que, após essas experiências, modificaram sua maneira de falar para evitar situações de exclusão.

Esse resultado demonstra, no âmbito do corpus analisado, que experiências negativas de avaliação podem influenciar práticas linguísticas dos indivíduos.

Entretanto, a pesquisa não permite afirmar que o preconceito linguístico tenha causado efeitos psicológicos específicos, como baixa autoestima, queda de produtividade ou isolamento social. Embora esses fenômenos sejam discutidos na literatura especializada, eles não foram mensurados por instrumentos próprios nesta investigação. Assim, os resultados devem ser limitados às experiências efetivamente relatadas pelos participantes.

As hipóteses propostas encontram apoio parcial nos dados. A primeira hipótese, relacionada à possibilidade de valorização da diversidade, encontra correspondência na avaliação positiva de “arretado”. A segunda, relacionada ao estranhamento e à estigmatização, encontra respaldo nos relatos de correção e zombaria. A terceira, relacionada à influência do perfil social atribuído ao falante, encontra indícios no contraste envolvendo “murrinha”.

Não se pode, contudo, afirmar que as hipóteses tenham sido definitivamente comprovadas. O número reduzido de participantes e a ausência de informações sociolinguísticas detalhadas sobre cada participante limitam o alcance das conclusões. Os resultados devem ser compreendidos como indícios qualitativos referentes ao grupo investigado.

A pesquisa também demonstra a importância de distinguir diversidade linguística de preconceito linguístico. A existência de variedades diferentes constitui característica própria das línguas e do português brasileiro. O preconceito surge quando determinadas formas são utilizadas como critério para desqualificar ou inferiorizar seus falantes.

No campo educacional, os resultados sugerem a importância de práticas que apresentem a variação linguística aos estudantes como parte da realidade do português brasileiro. Isso não significa abandonar o ensino das variedades de prestígio ou das formas exigidas em contextos formais. Significa possibilitar que os estudantes ampliem seus repertórios linguísticos sem que suas variedades de origem sejam tratadas como sinais de incapacidade.

Quanto às limitações, destaca-se o número reduzido de participantes, a ausência de caracterização individual detalhada no manuscrito original e a utilização de perguntas orientadas para situações hipotéticas e relatos pessoais. Essas características impedem generalizações estatísticas e indicam a necessidade de

estudos posteriores com amostras mais amplas e procedimentos de coleta mais sistemáticos.

Pesquisas futuras poderão ampliar o número de participantes, estabelecer critérios explícitos de seleção, registrar informações sociolinguísticas dos colaboradores, comparar grupos por faixa etária, escolaridade, profissão e origem territorial e realizar análises mais detalhadas das variantes efetivamente produzidas pelos falantes. Também poderão ser desenvolvidos estudos específicos sobre aspectos fonético-fonológicos, lexicais, morfossintáticos e discursivos do português utilizado na região.

Dessa forma, os dados analisados oferecem indícios de que a variação linguística territorial participa das relações sociais observadas em Rorainópolis e pode ser percebida tanto como elemento de diversidade cultural quanto como marcador sujeito a avaliações de prestígio e estigma. A principal contribuição do estudo consiste em registrar essas percepções e relacioná-las aos estudos sociolinguísticos, reconhecendo, ao mesmo tempo, os limites do corpus e evitando conclusões que ultrapassem aquilo que os dados efetivamente permitem afirmar.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Parábola Editorial, 2020.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010. A obra é registrada pela USP com publicação em 2010 e pela Editora Contexto.

FARACO, Carlos Alberto. **Por uma pedagogia da variação linguística**. In: II CIEL – Ciclo de Eventos em Linguística, 2004, Ponta Grossa. Anais [...]. Ponta Grossa: UEPG, 2004. p. 1-11.

FIORIN, José Luiz. **Língua, discurso e política**. Alea: Estudos Neolatinos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 148-165, jan./jun. 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. A edição brasileira de 2008 é registrada como publicada pela Parábola Editorial.

LAPERUTA-MARTINS, Maridelma. **Preconceito linguístico: origem na sociedade; término na escola**. Revista Observatório, v. 3, n. 1, p. 305-326, jan./mar. 2017.

LAPERUTA-MARTINS, Maridelma. **Preconceito linguístico e sua conscientização: o papel da escola**. Textura, Canoas, n. 31, p. 115-124, maio/ago. 2014.

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015. A edição de 2015 é registrada pela Editora Contexto.

MARIANI, Bethania. **Entre a evidência e o absurdo: sobre o preconceito linguístico**. Cadernos de Letras da UFF, Niterói, n. 36, p. 27-44, 2008.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística: objetos teóricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 11-24.

SANTOS, Gildete de Jesus Amorim. Variação linguística no Brasil. *Revista Ilustração*, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 71-86, 2021.

SCHERRE, Marta. **O preconceito linguístico deveria ser crime**. *Galileu*, 2016.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.